

Quando o Marajó é Museu: o percurso museológico do padre Giovanni Gallo

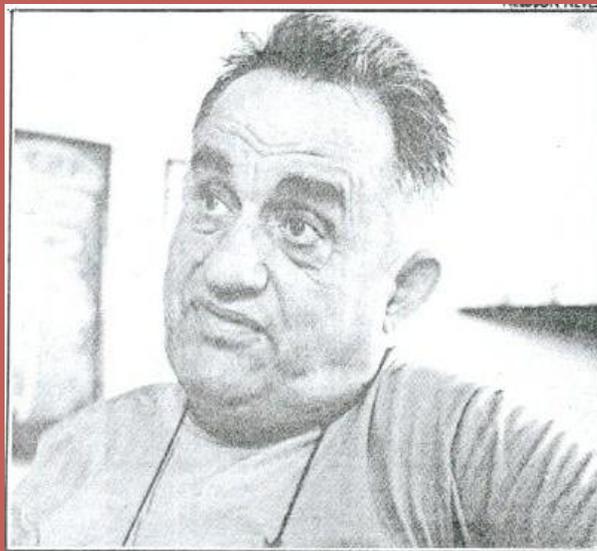
Projeto Tecendo a Museologia Local
na Amazônia Paraense: mudanças,
perspectivas e ações

Autora: Lúcia Santana
ULHT- Lisboa, Portugal
MPEG, Belém, Brasil



Objetivo - compreender como o padre Giovanni Gallo *descobre* o Marajó e o transforma em um *lugar de memória*, se utilizando de *todo um processo de musealização que implica a viagem ao Marajó, o seu diário de campo autobiográfico e a própria criação do museu no maior arquipélago fluvial ao Norte do Pará, Brasil.*

Metodologia- se baseia em dois movimentos: *análise documental da obra de e (sobre) Gallo, principalmente a partir do livro Marajó: a Ditadura das águas (1979), os seus escritos aos jornais do Pará sobre sua imersão na Ilha e informações históricas de seus biógrafos e o outro movimento é a percepção do seu percurso no âmbito do movimento da Nova Museologia da década de 80,*



O padre Giovanni Gallo sabia que seu projeto era "de risco"

Fonte: O Liberal, 1992

Autobiografia e Biografia: narrativas da memória, um olhar que se entrecruza. (tensões e riscos-seleção de fatos significativos da trajetória de vida)

Biografia: Nasce em 1927 em Turim na Itália, na década de 40 estuda Teologia e Filosofia e entra para a Companhia de Jesus, nas décadas de 50 60 vai para diferentes localidades na Europa, inclusive para Sardenha, onde tenta escrever um livro sobre narrativas dos velhos, na década de 60 vem para o Brasil, na década de 70 chega ao Marajó onde vive até 2003. (Alves, 2009)

Autobiografia: Tenho certeza de que nunca faltará entre nós a ligação de uma amizade sincera, que nos acompanhará nesta viagem à descoberta do Marajó, daquele Marajó, que os brasileiros, e às vezes o Marajoara, não conhecem. (Gallo 1981: p20)



1) Universo da Musealização - A Ilha do Marajó, na foz do rio Amazonas, maior ilha flúvio-marinha do mundo, com mais de 50 mil km quadrados, distribuídos em regiões de campos naturais, zona da mata, praias, rios e mar é formada pelos municípios de Afuá, Chaves, Santa Cruz do Arari, Salvaterra, Soure, Cachoeira do Arari, Ponta de Pedras, Muaná, São Sebastião da Boa Vista, Curralinho, Breves e Anajás. E o arquipélago é formado pelos municípios de Melgaço, Oeiras, Breves e Gurupá (Revista veja o Pará, ano VIII, n 17 Jan./ mar 2000,)



1.1 A Ditadura das águas Marajó - lugar de memórias

narrativa não é totalmente linear, não há datações precisas sobre os eventos ocorridos com o padre, a divisão temporal é administrada pelo tempo natural, da sazonalidade das águas fluviais na ilha: o tempo da estiagem e o tempo das cheias. A estratégia é a vivência da experiência, descobrir o Marajó através de viagens e re viagens Ihe faz assumir vários papéis:

- Imagens do personagem: **padre**, etnógrafo-naturalista, cidadão e museólogo.
- Imagens de museus: laboratório, o museu - fábrica, o museu-barraco, o museu brinquedo, o museu com a comunidade.
- Ícone da museologia local ao lado de Ferreira Penna (1888), Emilio Goeldi (1917) e próximo dos ideais de Rivière (1985), Varine e Mayrand do movimento da *nova museologia*.

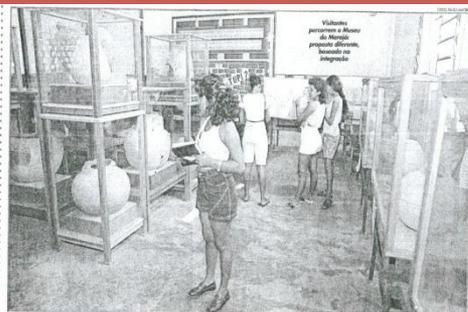


Lugar de memória- imagem do etnógrafo-naturalista

- **Viagem Museológica - Percurso, Investigação, Exploração, Proteção, Domínio, Coleta** são ações que se entrelaçam nas raízes do **Colecionismo** e na origem de muitos Museus. (2004, p 36)
- A minha fonte de informação é geralmente a palavra, apanhada no ar numa conversa informal ou escutando algum caso. A pesquisa direta é sempre feita em forma indireta, isto é por meio de intermediários que estão mais chegados e têm mais acesso ao informante, sempre com os riscos. [Gallo: 1981, p. 201].
- **Inventários** dos remédios, das aves, dos peixes e *presentes*. arqueológicos.
- **Caminho Museológico: JENIPAPO, SANTA CRUZ DO ARARI e CACHOEIRA DO ARARI.**



Lugar de memória: museólogo



A memória da Ilha

Fonte: O Liberal, 1996

O Liberal, Belém, 01 ago. 1992 1ª Cad p.5

Homem é a peça mais valiosa

Segundo o padre Giovanni Gallo, o Museu do Marajó tem como objetivo mostrar a cultura da ilha, tendo sempre como ponto de referência o homem, considerado "a peça mais valiosa do nosso acervo". No texto "Para os que têm os olhos na ponta dos dedos", o padre afirma que qualquer pessoa que disponha de um certo capital pode coletar objetos. "Nem precisa de muito dinheiro porque, no nosso Museu, fora as peças arqueológicas, em geral só se encontram 'coisinhas banais". Porém, atrás dessas "coisinhas" está o homem marajoara, objeto de muitas pesquisas realizadas através da convivência de muitos anos".

O padre explica que "não adianta cobrir as paredes do Museu de painéis com legendas e anotações", pois isso assustaria o visitante, desencorajando-o. Há, ainda, outro problema: o leitor de interesses é demasiadamente amplo para poder arriscar, a resposta unívoca. Então, a solução foi oferecer uma resposta personalizada, "ao gosto do freguês, usando como instrumento o que nós chamamos, com um ping de pavulagem, de computador", disse o religioso.

Caminhos pela Europa e Brasil

Giovanni Gallo foi padre jesuíta até 1905 ou 1906 (ele não sabe precisar o ano), mas desistiu por não lhe deixarem desenvolver atividades sacerdotais. "Essa é uma questão complicada, que vou explicar nas minhas memórias", acrescentou. Gallo tinha divergências com o bispo de Ponta de Pedras, no Marajó, dom Angelo Rivati. Segundo o padre, "em 1903 o bispo recebeu três toneladas de leite e, ao invés de distribuir o produto, vendeu-o". Gallo também afirmou que o "bispo não apoiava as atividades de nossa comunidade".

Aos 27 anos, Giovanni Gallo foi ordenado sacerdote. Depois de realizar um curso na Espanha, onde teve a oportunidade de entrar em contato com os pobres nos bairros da Gandia e nas montanhas da Andaluzia, trabalhou durante três anos na ilha de Sardenha, interessando-se principalmente pelo trabalho dos pastores de ovelhas. Em 1902, foi enviado à Suíça alemã, como capelão dos emigrados. Perto da Basileia, fundou a Missione Cattolica Italiana del Birseck (Missões Católicas Italianas dos Emigrados na Escandinávia). Considerando sua missão cumprida, pediu

"tem os olhos na ponta dos dedos", disse, "nós exploramos esta característica, convidando-o a mexer em (quase) tudo". A peça mais antiga do Museu é um peixe fóssil — segundo Gallo, o "tataravô da nossa traíra" — da era Mezozoica, com cerca de 190 milhões de anos. E a mais nova? Responde o padre: "Levante e encontrará um espelho, porque você, visitante, é a peça mais nova, que vai descobrir o Marajó com seus olhos, a sua ótica, com o diafragma da sua cultura e do seu interesse. Não é por nada que a nossa peça mais importante é o homem, o homem do Marajó, o homem que vem aqui para descobrir o seu Marajó".

transfêrencia para o Brasil, onde chegou em janeiro de 1970.

No País, seu trabalho também esteve voltado para os pobres, primeiramente no bairro da Floresta, em São Luís (MA) e, desde 1973, na ilha do Marajó. Giovanni Gallo disse que deixou tudo para trás e resolveu vir para o Brasil, sobretudo para o Marajó, onde já está há quase 20 anos. Seu livro "Marajó: a ditadura da água" é resultado de uma seleção dos artigos publicados ao longo de anos nos jornais O LIBERAL e "O Estado do Pará".



Fonte: O Liberal, 1992

Fonte, O Liberal 1992

Museu - laboratório-Characterização etnográfica- ethos Marajó.

Museu-Fábrica - local dos engenhos

Museu Barraco - extensão da casa de Gallo

Museu Brinquedo-tem que tocar, emocionar

Museu comunitário

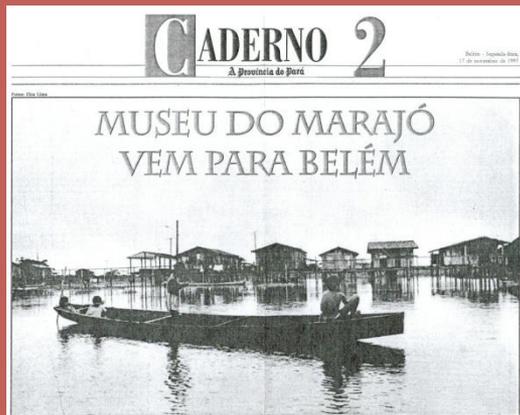
2) Ideias do padre e o movimento da Nova Museologia

- Memória e Desenvolvimento local
- Trabalho com a comunidade e sua sustentabilidade.
- Sustentabilidade dos museus.
- Museu como link-ilha e continente diálogo na inserção de direitos.
- Próximo de Riviére, quando acredita na força do objeto etnográfico e arqueológico como testemunho cultural de um povo.
- De Freire e Varine - quando é capaz de pensar nos direitos e na cidadania do ser humano, sendo a educação a principal vetora dessa ação.
- De Mayrand ao vislumbrar uma transmuseologia-sociedade capaz de protagonizar o seu destino, porque o museu estará vivo em suas atitudes.



3) Estudo dos museus e museologia na Amazônia Paraense

Ícone que está ao lado de Ferreira Penna e Emilio Goeldi contextualizando a historia da museologia nos museus amazônicos.



Fonte: A Província do Pará, 1997



Fonte: A Província do Pará, 1998

O Museu deveria ser pólo de desenvolvimento através da cultura.
(Gallo, 1996,9.192).

4) Referências bibliográficas

- Alves, D.A. (2009). A Educação n"O Museu do Marajó: Ver-Tocar-Contextualizar. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGed/UEPA, Belém.
- Bruno, M.C.O (2004). As expedições em cenário museal. In Expedição São Paulo, 450 anos: Museu da Cidade de São Paulo. São Paulo.
- Gallo, G (1981) Marajó a ditadura da água. Nosso Museu. Santa Cruz do Arari, Pará, 1981 2 ed
- _____ (1996) O Homem que implodiu. Belém, SECULT, 1996. ton Rodrigues Casal. Akal. Madri.
- Rivière, G: H (1989) La Museologia, trad. An
- SANTOS, P. A dos (2008) Museologi and Comunity Development in the Sociomuseologia, XXI Century. Caderno de Sociomuseologia, Vol 29, n29, Lisboa-Portugal.



Referencia bibliográfica Cont....

Jornais consultados

-  O Liberal, Belém, 01 de Agosto, 1992, 1 caderno, p 5;
-  A Província do Pará, Belém, 17 de novembro de 1997, Caderno 2, p6;
-  O Liberal, Belém, 11 de setembro de 1996, Cartaz.

